

Estudos sobre estratégias internacionais no Brasil: análise sob a perspectiva de redes sociais

Autoria: Mohamed Amal, Silvana Anita Walter, Tatiana Marceda Bach, Natalie Aurélio Cidral

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar a evolução da estrutura de relacionamentos entre atores – instituições e autores – das áreas de gestão internacional e internacionalização de empresas no contexto brasileiro. Para tal, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, bibliométrica e sociométrica dos artigos publicados no Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração do Brasil (EnANPAD), empregando uma perspectiva longitudinal (1997-2010). Foram coletados e analisados o total de 240 artigos científicos, abrangendo todas as publicações dos temas de gestão internacional e internacionalização de empresas dos estudos da área de estratégia deste evento. Realizou-se a análise bibliométrica e sociométrica dos dados, no tocante: ao número de artigos publicados por ano; a instituições mais prolíficas; a redes sociais de cooperação entre atores divididos em três períodos (1997-2000, 2001-2005, 2006-2010); e a atores com maior número de laços e mais prolíficos; indicadores de cooperação geral (1997-2010) e em períodos; estas análises foram desenvolvidas com o auxílio do *software* UCINET[®] 6. Também foram identificadas as obras mais citadas, e por meio de análise de conteúdo, os temas pesquisados sobre gestão internacional e internacionalização. Houve uma evolução no número de artigos publicados na área e na densidade das redes, contudo relações de cooperação entre os autores dos estudos revisados ainda são fragmentadas, concentrando-se em pequenos grupos. No que tange às instituições, observou-se que existe abertura para parcerias entre brasileiras e estrangeiras, havendo uma diversidade no perfil das instituições, visto que, enquanto algumas tendem a se associar em publicações, outras publicam quantidades consideráveis de estudos internamente. As obras mais citadas são de Jan Johanson, o que demonstra o interesse pelo ambiente das redes de relacionamentos, bem como seu impacto sobre a internacionalização das empresas. As redes de cooperação, nos períodos analisados, caracterizam-se pela evolução no que tange ao ingresso de novos pesquisadores na área, maior número de artigos submetidos e criação de temas relacionados à gestão internacional, tornando a configuração mais homogênea em períodos mais recentes, contudo, mantendo as características de *small words* em todos os períodos analisados. No tocante às abordagens teóricas e aos temas estudados, também se verificaram alterações ao longo dos períodos que estão, em grande parte, relacionadas ao contexto econômico e de internacionalização vivido pelo país. Isto demonstra que os estudos da área estão preocupados em compreender e contribuir para a gestão estratégica internacional. Conclui-se que ocorreu uma evolução na produção científica que trata de gestão internacional e internacionalização de empresas, no período de 1997-2010, no que tange ao número de artigos publicados e à densidade das redes de cooperação. Contudo, existe ainda uma vasta possibilidade de associação nestes estudos. Também se notou uma ampliação nas abordagens teóricas empregadas e nos temas analisados.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre redes sociais, ou sociometria, surgiram no final dos anos de 1970 por meio dos estudos de Williamson (1975) e Aldrich (1979). Outros pesquisadores aplicaram a análise de redes nos estudos organizacionais como forma de compreender o comportamento das organizações (TICHY; TUSHMAN; FOMBRUN, 1979; AUGUSTO; LEAL, 2006).

Segundo Silva e Ensslin (2008), essas pesquisas contribuem para difundir o conhecimento científico. Nesse sentido, as redes sociais de coautoria entre autores ou instituições podem contribuir para explicação dos processos sociais que envolvem pesquisadores (LIU et al., 2005). A compreensão da dinâmica global e local, no relacionamento entre autores e instituições, contribui, segundo Rossoni e Machado-da-Silva (2007), para o entendimento do processo de construção do conhecimento científico. Nessa conjuntura, nota-se que as relações sociais podem influenciar o desenvolvimento de pesquisas sobre gestão internacional e internacionalização, tanto contribuindo quanto criando entraves para tal evolução. Isso porque estas podem ser afetadas pela matriz de relacionamentos interinstitucionais e por relações de coautoria.

A análise de redes sociais tem sido empregada em estudos de produção científica em diferentes áreas e temas. Em estudos organizacionais e estratégia têm-se as pesquisas de Rossoni e Guarido Filho (2007) e Rossoni e Guarido-Filho (2009). Já Duarte et al. (2009) estudaram o papel da rede de relacionamentos dos docentes para o processo de internacionalização de IES. Contudo, na área de gestão internacional, pesquisas dessa natureza ainda são escassas. Por meio de buscas não se identificaram investigações em redes de coautoria entre instituições e autores relacionados às publicações sobre gestão internacional e internacionalização de empresas.

Assim, considerando as argumentações reunidas, desenvolveu-se a presente investigação que teve por objetivo analisar a evolução da estrutura de relacionamentos entre autores – instituições e autores – das áreas de gestão internacional e internacionalização de empresas no contexto brasileiro, de forma a responder o seguinte questionamento: **Quais foram os autores e instituições mais relevantes envolvidos no processo de evolução do tema gestão internacional e internacionalização, bem como, obras mais citadas e temas abordados, no período entre 1997 a 2010?** Para tal, desenvolveu-se uma pesquisa bibliométrica e sociométrica dos artigos publicados no EnANPAD, empregando uma perspectiva longitudinal.

Cabe ressaltar, ainda, que o caráter sociométrico e bibliométrico desta pesquisa pode servir de instrumento de diagnóstico para o fortalecimento nestes temas a partir da atuação e cooperação entre pesquisadores e instituições, especialmente das que possuem programas de pós-graduação com linha de pesquisa no tema. Investigações dessa natureza contribuem para averiguar o efeito multiplicador de tais programas, cumprindo sua proposta pedagógica.

O presente artigo está estruturado em mais cinco seções. Na segunda, faz-se uma breve revisão de literatura sobre Gestão Internacional e Internacionalização de Empresas. Na terceira sobre sociometria. Na quarta, apresenta-se a estratégia da pesquisa dispensada à condução da presente investigação. A quinta contém a análise da estrutura de relacionamentos de instituições mais prolíficas e de autores, as quais estão divididas em três períodos distintos. Por fim, na sexta seção, expõem-se as considerações finais, limitações da investigação e sugestões para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

2 GESTÃO INTERNACIONAL E INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS

Durante as últimas duas décadas, o interesse pelas operações de internacionalização vem crescendo não apenas entre os empresários e investidores, mas também entre acadêmicos e responsáveis pelas políticas de desenvolvimento. O conceito tende a ser usado, no sentido mais amplo, para descrever as formas de inserção e envolvimento das empresas nos mercados externos, (WELCH; LUOSTARINEN, 1988).

Assim, o campo de pesquisa em negócios internacionais vem crescendo nos últimos anos, não apenas nos países desenvolvidos, mas também nos países em desenvolvimento. De acordo com Buckley (2002), três tópicos importantes foram objeto de investigação desde o período de pós-segunda guerra até o ano de 2000. O primeiro tópico tinha como objetivo fornecer modelos de explicação da evolução dos fluxos de Investimento Direto Externo (IDE). O segundo (1970-1990) buscava explicar a existência, estratégia e organização das empresas multinacionais. O terceiro (1980-2000) tinha como foco principal entender o desenvolvimento da internacionalização das empresas e a nova configuração do processo de globalização. Neste período, o foco principal dos modelos teóricos era explicar a extrema diversidade e reorganização das atividades internacionais, e, principalmente, concentrar o foco de análise em empresas já internacionalizadas, em vez de focar nas empresas à busca da inserção internacional (BUCKLEY, 2002).

Deste modo, as teorias que trataram do fenômeno de internacionalização podem ser classificadas de acordo com a sua perspectiva de análise, delimitando-se dois grandes eixos. O primeiro é a perspectiva econômica que, focada no quadro das teorias de negócios internacionais, serviu de fundamento para desenvolver diferentes abordagens da internacionalização das empresas, especialmente no que diz respeito ao surgimento das empresas multinacionais (EMN). Neste campo, destacam-se as teorias da organização industrial de Hymer (1976), a teoria da internalização de Buckley e Casson (1976) e o paradigma eclético de Dunning (1988), também conhecido como OLI-Paradigm. Dunning (1988) explica o processo de internacionalização da produção das EMNs com base em três grupos de vantagens: Vantagens de propriedade (O), Vantagens de Localização (L) e Vantagens de Internalização (I). Desta forma, o autor considera o investimento estrangeiro direto como o resultado da interação entre os três tipos de vantagens, as quais implicam na identificação de quatro tipos de estratégias de IDE das EMN's: busca de mercado, busca de eficiência, busca de recursos e busca de ativos estratégicos.

O segundo eixo dos estudos de negócios internacionais se refere à perspectiva comportamental. Na década de 1970, pesquisadores da Universidade de Uppsala (JOHANSON; WIEDERSHEIM-PAUL, 1975; JOHANSON; VAHLNE, 1977) buscaram concentrar o seu campo de estudo na análise dos processos de internacionalização com base nas teorias comportamentais. O princípio fundamental do estudo de Johanson e Wiedesheim-Paul (1975) é que a empresa inicialmente se desenvolve no mercado doméstico e que a internacionalização é uma consequência de uma série de decisões incrementais e somatórias. Os autores partem do pressuposto de que os obstáculos mais importantes na internacionalização estão relacionados à falta de conhecimento e de recursos. Essas dificuldades são reduzidas por meio da tomada de decisão incremental e da aprendizagem sobre os mercados externos e as operações relacionadas. Deste modo, a percepção do risco nos investimentos das operações internacionais, em um determinado mercado, tende a diminuir, e ao mesmo tempo, permite a continuação do processo de internacionalização.

A abordagem de redes de relacionamentos (*networks*) é baseada, inicialmente, no princípio de desenvolvimento da perspectiva das redes industriais, focalizando o relacionamento existente entre firmas e mercados. De acordo com Johanson e Mattsson (1988), os fatores e as forças competitivas em indústrias altamente internacionalizadas criam um padrão heterogêneo de oportunidades de entrada. Essa variedade motivará a firma a escolher mercados e estratégias de entrada diferentes do modelo de Uppsala. Os autores sustentam que a estrutura da rede se dê mais pela interação dos atores do que pelo processo de decisão estratégica, ou seja, a estrutura que forma a rede é expressa por meio dos laços cognitivos e sociais entre os atores que mantêm negócios, tornando a internacionalização um processo que depende do próprio grau de internacionalização da rede. Assim, o processo de internacionalização, que até então era visto como um processo incremental e linear, passou a

ser visto numa perspectiva mais dinâmica, permitindo o desenvolvimento de novas perspectivas de abordagem da internacionalização das empresas.

Na medida em que cresce o espaço entre os pesquisadores para estudar inovação e empreendedorismo no quadro das abordagens comportamentais, surgem novas abordagens sobre a dinâmica da internacionalização das empresas, tais como a teoria das *International New Ventures* (OVIATT; McDOUGALL, 1994); os estudos de Knight e Cavusgil (2004) sobre as *Born Globals*; e a teoria de *International Entrepreneurial Dynamics*, proposta por Mathews e Zander (2007). Esse conjunto de abordagens, que estuda processos diferenciados e rápidos de internacionalização das empresas, tem sido usualmente denominado como teorias de Internacionalização Acelerada. Apesar das características particulares de cada uma delas, todas têm em comum o fato de destacar a inovação e o empreendedorismo como categorias fundamentais, bem como por sugerirem um processo mais dinâmico e não linear dos padrões e estratégias de internacionalização das empresas, diferente do modelo clássico de Uppsala.

3 SOCIOMETRIA

Para melhor compreensão da sociometria, cabe apresentar conceitos importantes para a análise das redes sociais. Para Galaskiewicz e Wasserman (1994), este tipo de análise se concentra em atores ou entidades sociais que se interagem uns com os outros, de forma que essas interações podem ser estudadas e analisadas como uma única estrutura ou esquema. Para Wasserman e Faust (1994), as redes sociais podem ser definidas como um conjunto de ‘nós’ que correspondem a atores (pessoas ou organizações) e que se são ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos, como fortes e fracos. Assim, os “nós” correspondem a cada autor que colabora com, pelo menos, um dos itens de uma rede, podendo ser pessoas, organizações, organismos, entre outros, e se caracterizam por círculos de diferentes cores em uma rede.

Laço forte consiste na conexão direta dos atores em uma rede (GRANOVETTER, 1973). Assim, díade é uma ligação ou um relacionamento estabelecido por meio de laço forte entre dois atores. Consiste em uma propriedade de um par de atores, não pertencendo isoladamente a cada ator. Já a tríade é um conjunto de três atores e dos possíveis laços entre eles (WASSERMAN; FAUST, 1994). Burt (1992) acrescenta que, quando o contato é feito por pessoas que já se conhecem, como no caso dos laços de cooperação fortes, as informações a serem compartilhadas tendem a ser as mesmas, com baixa tendência para mudança.

Por sua vez, laço fraco é a representação de contatos indiretos formados por meio de pontes, fornecendo diferentes fontes de informação e tornando a rede propensa à inovação (GRANOVETTER, 1973). Nesse sentido, no caso das redes de cooperação entre autores, os laços fracos representam laços indiretos, operacionalizados por meio da interação entre um autor que publica com outros pesquisadores.

A partir do conceito de laço fraco, a lacuna estrutural é desenvolvida por Burt (1992) para representar contatos não-conectados em uma rede. A existência de tais lacunas, de acordo com o autor, fornece uma vantagem competitiva para o indivíduo que realiza a conexão entre as diferentes redes, haja vista que os indivíduos não-conectados não possuem acesso antecipado, amplo e privilegiado às informações do outro grupo de pesquisadores. Assim, um autor que estabelece a conexão entre redes detém o poder de agenciamento do contato entre os autores dos diferentes grupos aos quais se encontra vinculado.

Por fim, a propriedade de centralidade dos atores em uma rede reflete sua importância nessa rede, sendo que, quanto mais centrais, mais importantes os autores serão (WASSERMAN; FAUST, 1994).

4 ESTRATÉGIA DA PESQUISA

Para atender ao objetivo apresentado, realizou-se uma pesquisa bibliográfica por meio da qual foi coletado o total de 240 artigos científicos, abrangendo todas as publicações dos

temas de gestão internacional e internacionalização de empresas do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). Selecionou-se esse evento por ser classificado como nível “A” pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e por sua importância e representatividade no cenário nacional no que diz respeito à veiculação de pesquisas científicas em estudos organizacionais.

Ressalta-se que o tema gestão internacional ganhou espaço próprio a partir do EnANPAD de 2001. Para a coleta de dados dos anos anteriores (1997 a 2000), realizou-se buscas nos anais do EnANPAD na área de estratégia por meio das palavras-chave: internacionalização, gestão internacional, estratégias internacionais e estratégia internacional, nos quais foram encontrados 32 artigos que continham alguns desses termos e após leitura, selecionaram-se 8 que os analisavam especificamente. A partir de 2009 é ampliado o tema incluindo-se internacionalização de empresas.

Além de bibliográfica, esta pesquisa caracteriza-se como bibliométrica que, segundo Macias-Chapula (1998), consiste no estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada; e sociométrica, ou de análise de redes sociais de relacionamento, que explora a matriz de relacionamentos estabelecida entre atores sociais e estatísticas aplicadas aos indicadores de cooperação (GALASKIEWICZ; WASSERMAN, 1994), aqui compreendidos como autores e instituições. Quanto à perspectiva temporal, esta pesquisa caracteriza-se como longitudinal, considerando o período de 14 anos, de 1997 a 2010. Iniciou-se a coleta de dados nos anais do EnANPAD do ano de 1997, porque, a partir dessa data, os artigos passaram a ser disponibilizados em meio eletrônico.

Para a análise dos dados, observaram-se o ano de publicação, os autores dos artigos, a primeira instituição informada na qual os autores se encontravam vinculados na ocasião da publicação e o país de origem da instituição. Quanto à identificação do vínculo institucional dos autores, ressalta-se que a obtenção de tal informação deu-se por meio dos dados constantes nos próprios artigos analisados ou, nos anos em que este não constava nos artigos, buscou-se por meio do currículo da Plataforma *Lattes*, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Realizou-se a análise dos dados no tocante a: número de artigos publicados por ano; instituições e aos autores mais prolíficos; redes sociais de cooperação entre atores divididos em três períodos (1997-2000, 2001-2005 e 2006-2010); atores mais prolíficos e com maior número de laços por período; número de coautorias por artigo; indicadores estatísticos de cooperação em autores nos períodos analisados e no período geral de 1997-2010; e temas investigados. Quanto à análise das redes sociais, optou-se pela exploração das redes de coautoria, o que representa uma vertente de análise de redes sociais (LIU et al., 2005), por meio do *software* UCINET[®] 6, com base no ano de publicação dos artigos analisados. Para a contagem de laços por autores e instituições, considerou-se cada associação como um laço. No que tange à análise bibliométrica, analisaram-se as obras mais citadas.

No que se refere à somatória da quantidade de laços entre atores, considerou-se cada laço como independente, permitindo, que um mesmo par de atores, tenha mais de um laço. Em relação ao somatório do número de obras mais citadas, considerou-se todas as citações das obras constantes sobre o tema nos artigos.

5 ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO CAMPO

Esta seção apresenta a produção científica em gestão internacional e internacionalização de empresas no contexto brasileiro por meio da análise de redes sociais, obras de destaque e temas estudados.

Na Tabela 1, apresenta-se o número de artigos publicados por ano e o percentual de representatividade de cada ano frente ao acumulado de artigos (% total).

Tabela 1 – Número de artigos por ano

Área Temática	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Estratégia	3	2	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
Gestão Internacional	-	-	-	-	10	17	22	26	27	27	25	31	10	4	199
Internacionalização de Empresas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	14	33
TOTAL	3	2	2	1	10	17	22	26	27	27	25	31	29	18	240
Total Área Estratégia	56	31	30	38	58	55	49	52	70	97	55	54	134	113	882
%	5,4	6,5	6,7	2,6	17,2	30,9	44,9	50,0	38,6	27,8	45,5	57,4	21,6	15,9	26,9

Nota-se, de maneira geral, uma expansão quantitativa no número de artigos publicados ao longo do período. Em 2004, a quantidade de artigos publicados na área de gestão internacional representou 50% do total de estudos publicados na área de estratégia. Observa-se que o ano de 2008 apresenta o maior número de artigos publicados, 31, bem como, que em 2009 foi criada mais uma subseção, especificamente para tratar de estudos sobre internacionalização de empresas.

A Figura 1 apresenta as redes de cooperação entre instituições de 1997-2010.

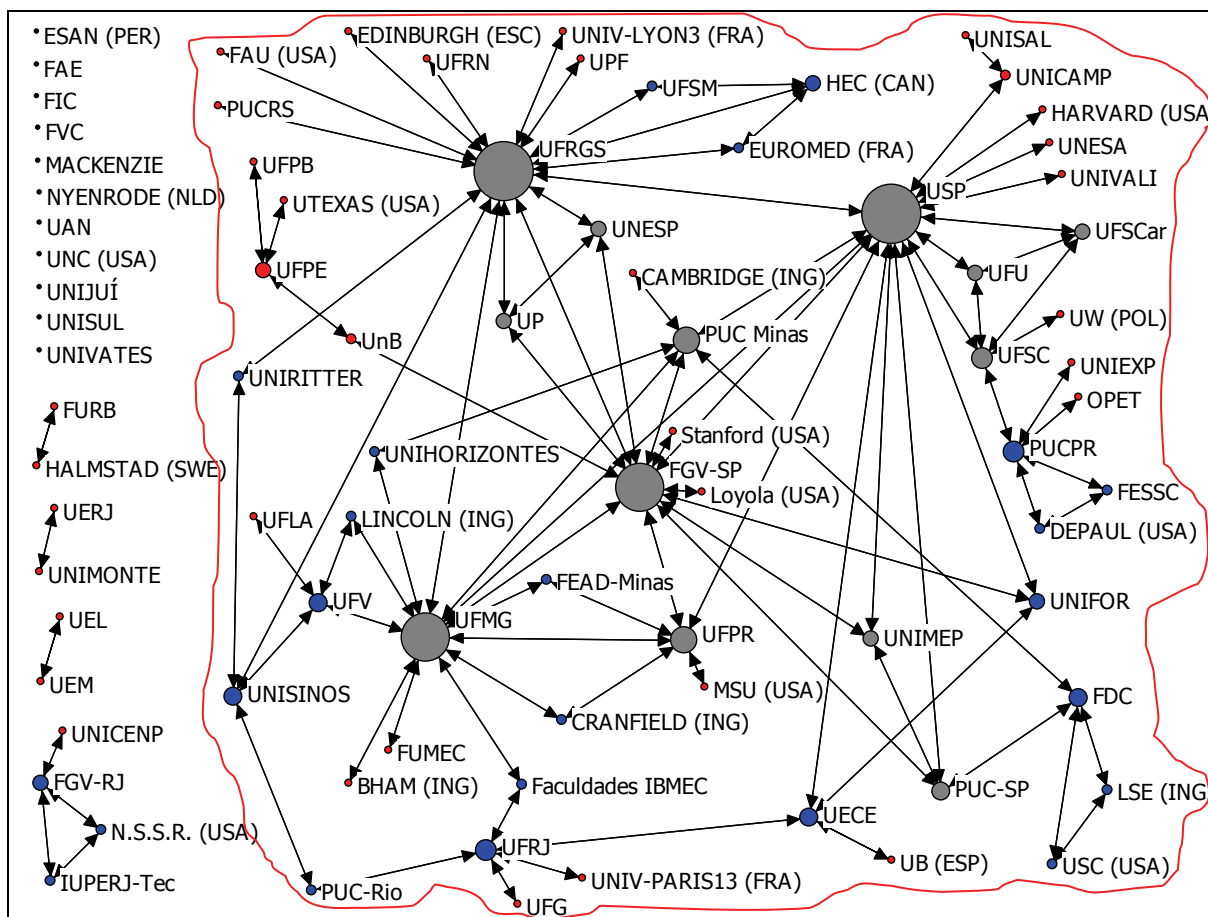


Figura 1 - Rede de cooperação entre instituições no período de 1997-2010

Para complementar as informações da Figura 1, a Tabela 2 apresenta as instituições com maior número de laços no período. Além das instituições apresentadas nesta tabela, outras 66 fizeram 3 laços ou menos.

Tabela 2 – Instituições com maior número de laços e mais prolíficas no período de 1994 a 2009

Instituições	Laços	%	Isolados
USP	27	9,6	20
UFRGS	27	9,6	16
UFMG	19	6,8	6
FGV-SP	14	5,0	3
PUC Minas	14	5,0	9
UFRJ	11	3,9	14
UNISINOS	10	3,6	11
PUC-SP	8	2,9	7
UFPR	7	2,5	1

Instituições	Laços	%	Isolados
HEC (CAN)	7	2,5	2
PUC-Rio	7	2,5	1
PUCPR	6	2,1	-
FDC	6	2,1	1
UFPE	6	2,1	8
UFSC	5	1,8	1
UFV	4	1,4	1
EUROMED (FRA)	4	1,4	-
UECE	4	1,4	-

Constata-se, por meio da Figura 1, a existência de 5 redes de cooperação. Na grande rede, que envolve 62 atores, observa-se como atores centrais: USP, UFRGS, UFMG, PUC-Minas e FGV-SP que interligam direta e indiretamente várias outras redes. Esta propriedade de centralidade reflete a importância dessas instituições como pontos de referência em suas redes e de articulação entre diferentes informações, pesquisas e pesquisadores (WASSERMAN; FAUST, 1994). A USP colaborou com 14 diferentes instituições, perfazendo 27 laços (Tabela 2). Esta instituição também publicou com uma universidade estrangeira, teve 20 estudos publicados isoladamente e foi a mais prolífica do período (Tabela 3). Em segunda colocação, em termos de associação (Figura 1) e quantidade de publicações (Tabela 3), tem-se a UFRGS que se associou a 17 diferentes instituições brasileiras e 4 estrangeiras. Esta apresentou 27 laços, 16 estudos publicados de forma isolada, representando 9,6 % do total de laços (Tabela 2), dentre as 84 instituições que publicaram no período.

Já a UFMG associou-se a 14 instituições, teve 19 laços, 6 artigos publicados isolados (Tabela 2) e associou-se a 3 instituições estrangeiras (Figura 1). A PUC-Minas publicou com 6 atores brasileiros e um estrangeiro (Figura 1), além de publicar 9 artigos isoladamente (Tabela 2); a FGV-SP publicou com 12 diferentes atores, destes 2 estrangeiros (Figura 1). Esta instituição fez 14 laços e publicou 3 estudos isoladamente (Tabela 2). Outras instituições que se destacam são: a UFRJ que formou 11 laços e publicou 14 estudos isoladamente; a UNISINOS apresentou 10 laços e 11 estudos isolados; a PUC-SP apresentou 8 laços e 7 estudos isolados; a PUC-Rio com 7 laços e 2 estudos isolados; e a UFPR e a HEC (CAN) também com 7 laços e 1 estudo isolado.

Também se observam, por meio da Figura 1, 4 redes com menor densidade, que juntas, envolvem 10 atores. Uma delas envolvendo 4 instituições: a UNICENP, FGV-RJ, N.S.S.R. (USA) e IUPERJ-Tec, tendo como ator central a FGV-RJ. Podem ser observadas 3 díades entre: a FURB com HALMSTAD (SWE), a UERJ com UNIMONTE e a UEL com UEM, caracterizando-se como relacionamento estabelecido por meio de laço forte entre um par de atores.

No período analisado, 73 instituições se associaram e 11 publicaram isoladamente. Destas, 25 instituições de 10 diferentes países publicaram seus estudos no Brasil: 10 estado-unidenses, 4 inglesas, 3 francesas, 1 instituição canadense, 1 escocesa, 1 espanhola, 1 holandesa, 1 peruana, 1 polonesa e 1 sueca.

Observa-se, no geral, a existência de parcerias entre instituições brasileiras e estrangeiras, variando o perfil de publicações das instituições, visto que, enquanto algumas tendem a se associar a outras instituições em publicações, outras publicam internamente quantidades consideráveis de estudos. A Tabela 3 apresenta as instituições mais prolíficas no período analisado. Ressalta-se que para uma melhor visualização optou-se por apresentar instituições que publicaram até 11 ou mais artigos no período analisado.

Tabela 3 – Instituições mais prolíficas no período de 1994 a 2009

Instituições	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
USP	-	-	-	-	-	2	1	2	7	1	5	7	9	6	40
UFRGS	-	1	-	1	-	2	-	1	6	5	4	6	7	4	37
UFRJ	-	-	-	-	4	5	1	2	3	2	-	4	3	1	25
UFMG	-	1	1	-	1	-	3	1	3	2	5	1	2	1	21
PUC-Minas	1	-	-	-	-	2	4	2	3	2	3	1	2	-	20
UNISINOS	-	-	-	-	1	2	3	2	2	2	3	2	2	1	20
UFPE	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	4	3	3	2	14
PUC-SP	-	-	-	-	1	-	3	1	2	1	1	2	1	1	13
FGV-SP	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	1	4	3	-	11

Observa-se, por meio da Tabela 3, que a USP é a instituição com o maior número de publicações, 40. Esta instituição teve suas primeiras pesquisas publicadas no ano de 2002, sendo que em 2009 obteve sua maior quantidade de publicações, 9. Em seguida tem-se a UFRGS com 37 artigos publicados, a partir de 1998. Esta instituição teve o maior número de publicações no tema nos anos de 2005, 2008 e 2009. Em terceira colocação, tem-se a UFRJ com 25 estudos, sendo que esta instituição iniciou suas publicações no ano de 2001 e já em 2002 obteve seu maior número de artigos publicados, 5. Em quarto lugar apresenta-se a UFMG com 21 estudos em 11 anos, tendo o seu maior volume de publicações (5) em 2007. Com 20 artigos publicados no período, em quinta colocação em números de publicações, tem-se a PUC - Minas e a UNISINOS. Em seguida, tem-se a UFPE com 14 artigos; a PUC-SP com 13 artigos; e a FGV-SP com 11 artigos.

Além destas informações constantes na Tabela 2, tem-se a UNIFOR e a PUC-Rio com 9 artigos cada; e a UFPR e a FGV-SP com 7 artigos cada. Também se destacam a UnB e FDC, com 6 artigos cada; PUCPR, FURB e HEC (CAN) com 5 artigos cada. E ainda, 8 instituições com 3 artigos, 11 instituições com 2 artigos e 45 instituições com 1 artigo publicado no período.

A Figura 2 apresenta as redes sociais entre autores no período de 1997-2000.

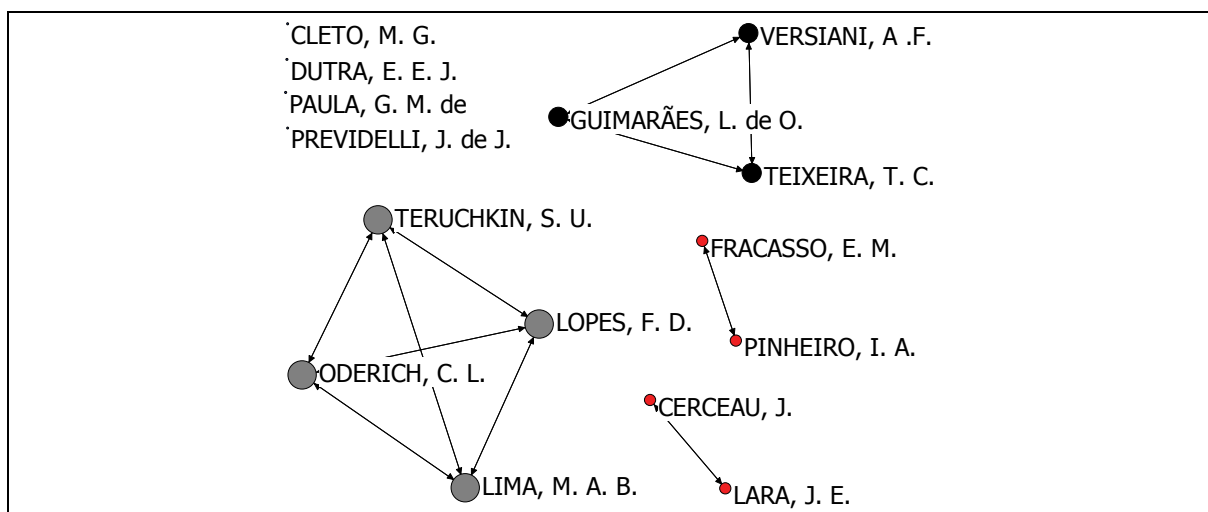


Figura 2 - Redes sociais de cooperação entre autores no período de 1997-2000

Para acrescentar as informações da Figura 2, a Tabela 4 apresenta os autores mais prolíficos e com maior número de laços no período de 1997-2000.

Tabela 4 - Autores mais prolíficos e com maior número de laços no período de 1997-2000

Autores	Laços	%	Artigos
LOPES, F. D.	3	13,6	1
ODERICH, C. L.	3	13,6	1
LIMA, M. A. B.	3	13,6	1
TERUCHKIN, S. U.	3	13,6	1
TEIXEIRA, T. C.	2	9,1	1
GUIMARÃES, L. de O.	2	9,1	1
VERSIANI, A. F.	2	9,1	1

Autores	Laços	%	Artigos
FRACASSO, E. M.	1	4,5	1
LARA, J. E.	1	4,5	1
PINHEIRO, I. A.	1	4,5	1
DUTRA, E. E. J.	-	-	1
CLETO, M. G.	-	-	1
PAULA, G. M. de	-	-	1
PREVIDELLI, J. de J.	-	-	1

No período de 1997 a 2000, foram publicados apenas oito estudos relacionados à gestão internacional e internacionalização de empresas, refletindo o despertar do interesse dos pesquisadores brasileiros sobre o tema.

Observa-se, na Figura 2, 4 redes de cooperação envolvendo 11 atores. Uma rede caracterizada por laços fortes, envolvendo 4 autores: TERUCHKIN, S. U., LIMA, M. A. B., LOPES, F. D. e ODERICH, C. L. Laços fortes são conexões diretas dos atores em uma rede (GRANOVETTER, 1973). Para Burt (1992), quando o contato é feito por pessoas que já se conhecem as informações a serem compartilhadas tendem a ser as mesmas, com baixa tendência para mudança. Estes atores estavam ligados 7 diferentes universidades: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade F. de Minas Gerais (UFMG), Universidade F. do Paraná (UFPR), Universidade F. do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade F. de Uberlândia (UFU).

A Figura 3 apresenta as redes sociais de cooperação entre autores de 2001-2005.

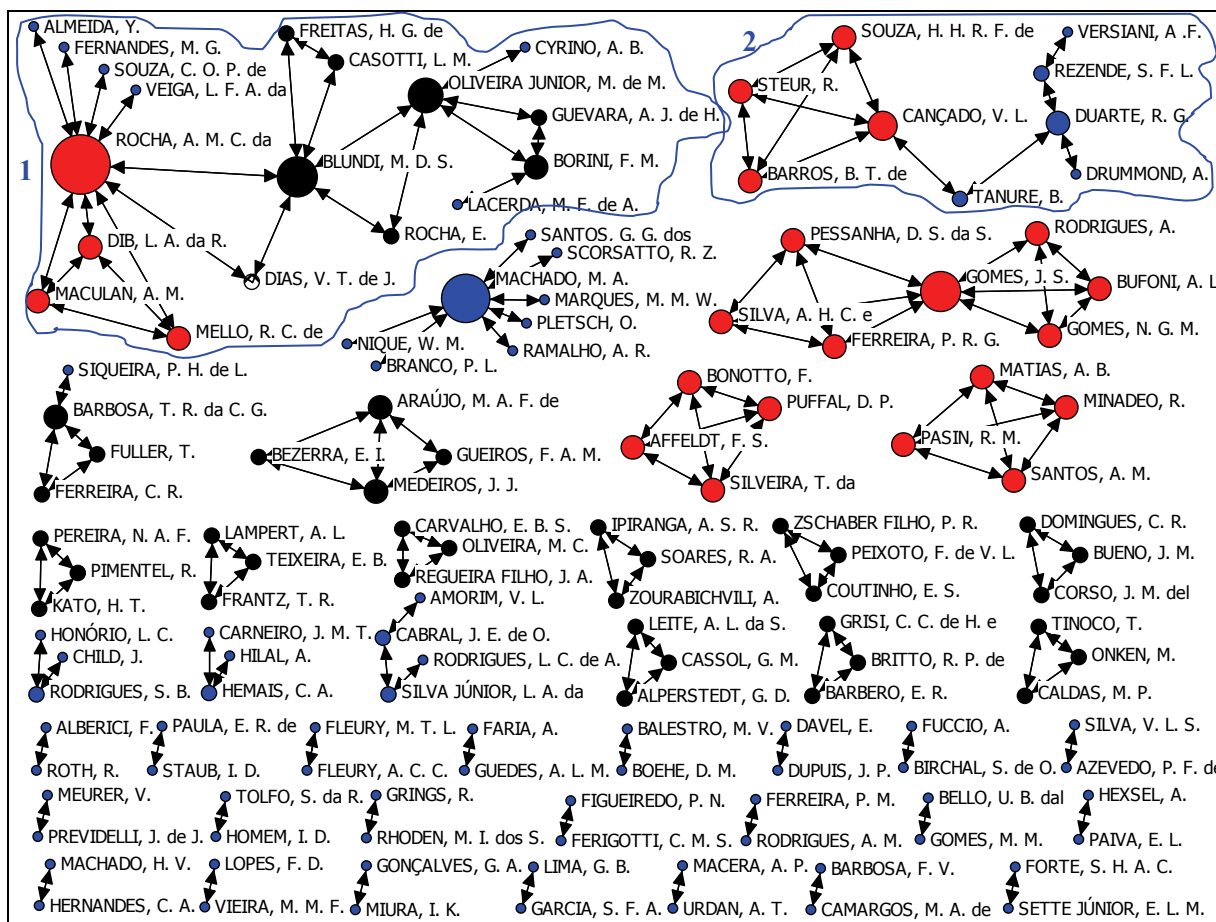


Figura 3 - Redes sociais de cooperação entre autores no período de 2001-2005

Em complemento as informações da Figura 3, a Tabela 5 apresenta os autores mais prolíficos e com maior número de laços no período de 2000-2005. Ressalta-se que para uma

melhor visualização, optou-se por apresentar autores com 4 ou mais laços.

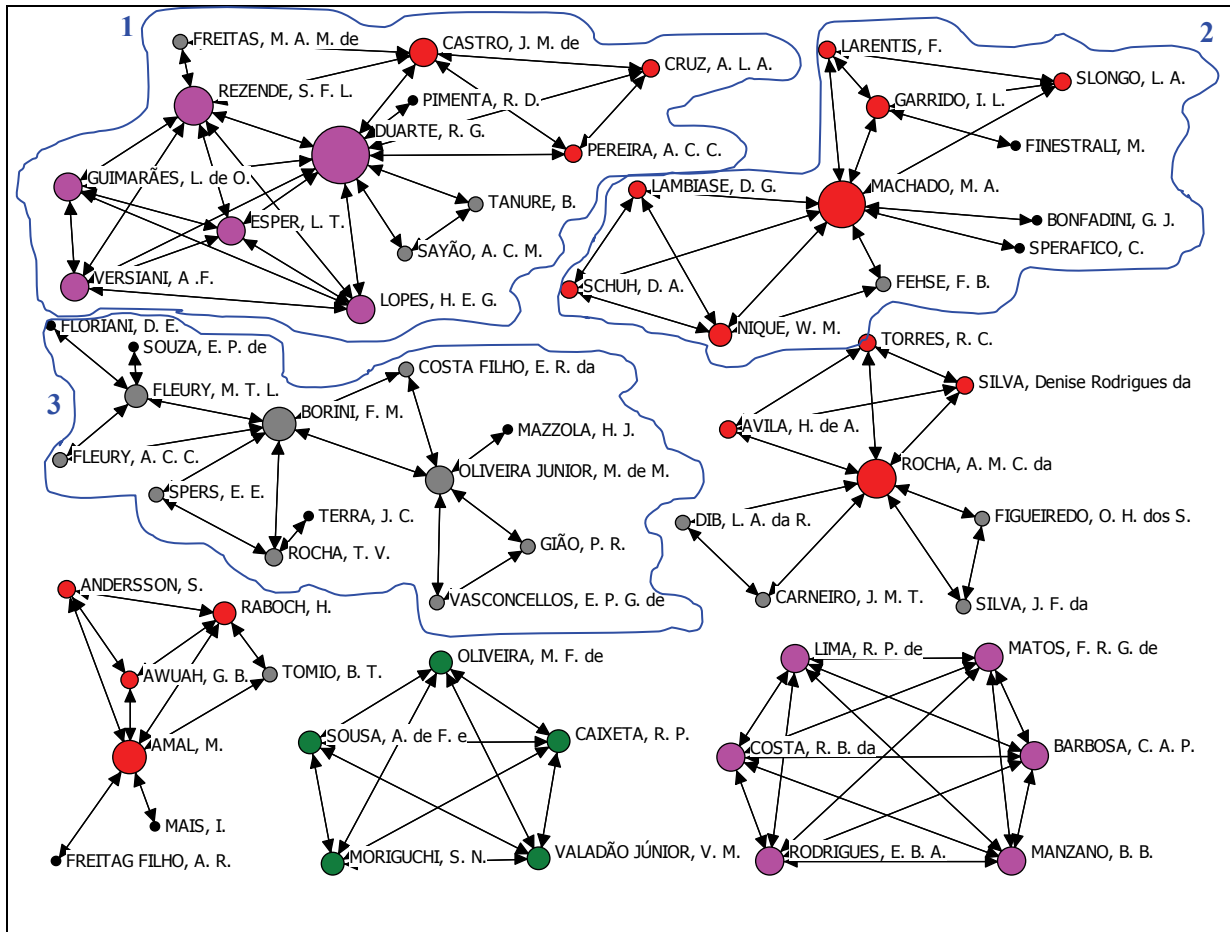
Tabela 5 - Autores mais prolíficos e com maior número de laços no período de 2000-2005

Autores	Laços	%	Artigos
ROCHA, A. M. C. da	10	3,5	6
OLIVEIRA JUNIOR, M. de M.	9	3,1	6
MACHADO, M. A.	7	2,4	8
GOMES, J. S.	6	2,1	2
BORINI, F. M.	6	2,1	4
BLUNDI, M. D. S.	4	2,1	3

Autores	Laços	%	Artigos
MELLO, R. C. de	4	1,4	2
ARAÚJO, M. A. F. de	4	1,4	2
CANÇADO, V. L.	4	1,4	2
GUEVARA, A. J. de H.	4	1,4	2
MEDEIROS, J. J.	4	1,4	2

Observa-se, por meio da Figura 3, a presença de 42 redes envolvendo 139 autores. Nestas redes, destacam-se como atores centrais, no que tange a laços: ROCHA, A. M. C. da; OLIVEIRA JUNIOR, M. de M.; MACHADO, M. A.; GOMES, J. S.; BORINI, F. M.; e BLUNDI, M. D. S. Com o maior número de associações, 10 (Tabela 5), destaca-se ROCHA, A. M. C., presente na rede 1, que associou-se a 9 diferentes autores em 6 estudos. No que tange às estruturas de relacionamento, algumas redes são interligadas por meio de ponte (rede 2) em que TANURE, B. liga duas redes. Este autor pode ser caracterizado, conforme indica Granovetter (1973), como fornecedor de diferentes fontes de informação.

Além dos atores apresentados na Tabela 5, identificaram-se 5 autores com 4 laços, 23 autores com 3; 48 autores com 2 e 57 autores com 1. Numa análise mais ampla das redes, nota-se a presença de 9 triádes, 22 díades e de 9 atores que publicaram isoladamente. As redes do período de 2001 a 2005 caracterizam-se por maior densidade e formação de novas redes. Um dos motivos desse aumento pode ter sido a criação do tema específico de gestão internacional no evento analisado. A Figura 4 apresenta as redes de cooperação entre autores de 2006-2010.



continua...

... continuação

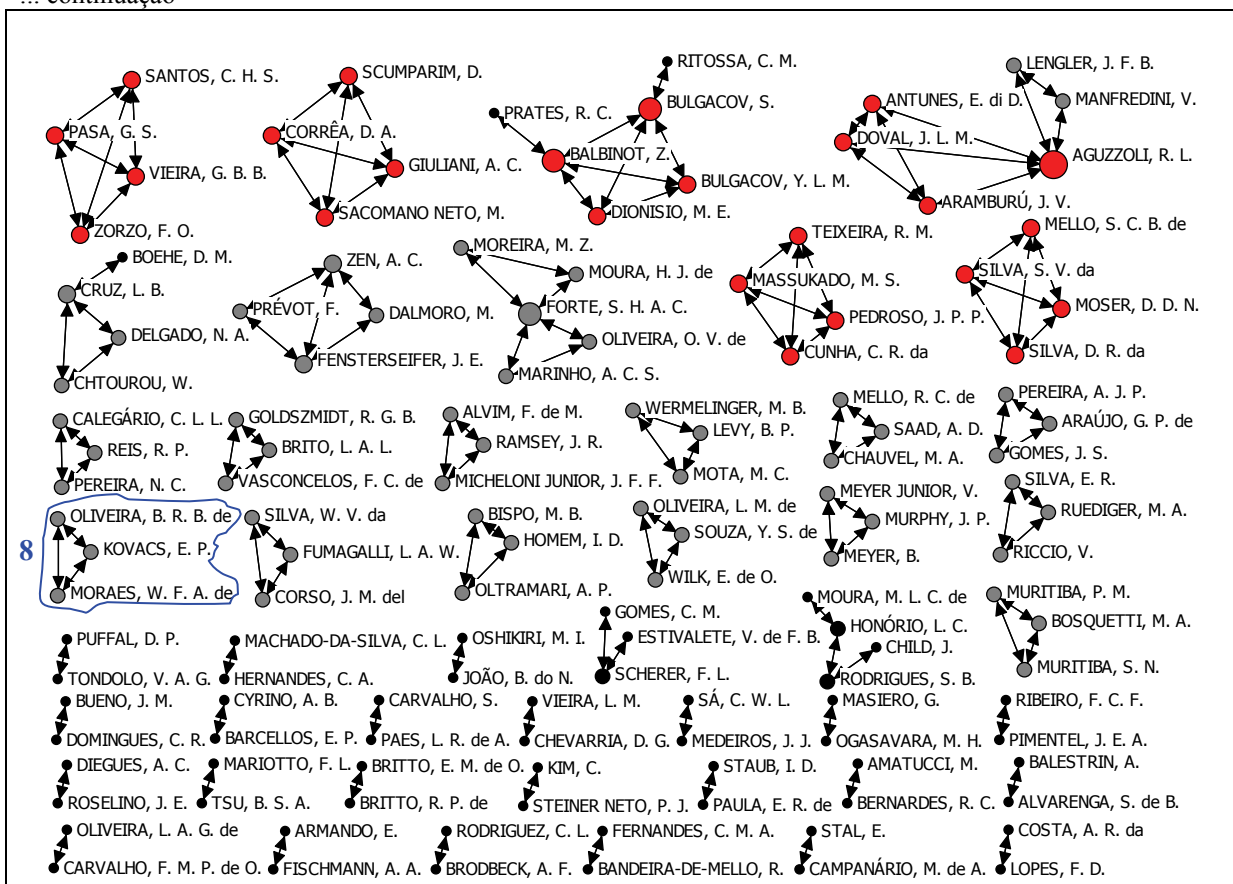


Figura 4 - Redes sociais de cooperação entre autores no período de 2006-2010

Em complemento as informações da Figura 4, a Tabela 6 apresenta os autores mais prolíficos e com maior número de laços no período de 2006-2010. Ressalta-se, que para uma melhor visualização, optou-se por apresentar autores com 4 ou mais laços.

Tabela 6 - Autores mais prolíficos e com maior número de laços no período de 2006-2010

Autores	Laços	%	Artigos	Autores	Laços	%	Artigos
DUARTE, R. G.	11	2,1	4	AMAL, M.	8	1,5	5
BORINI, F. M.	11	2,1	6	OLIVEIRA JUNIOR, M.	8	1,5	6
OLIVEIRA, B. R. B. de	10	1,9	7	ZEN, A. C.	7	1,3	4
KOVACS, E. P.	10	1,9	7	VERSIANI, A. F.	7	1,3	3
MACHADO, M. A.	10	1,9	5	FLEURY, M. T. L.	7	1,3	5
ROCHA, A. M. C. da	9	1,7	5	FENSTERSEIFER, J. E.	7	1,3	4
REZENDE, S. F. L.	9	1,7	4	MORAES, W. F. A. de	6	1,1	3

Observa-se, por meio da Figura 4, a presença de 52 redes de cooperação envolvendo 196 autores. Nestas redes, destacam-se como atores centrais: DUARTE, R. G. e REZENDE, S. F. L.; BORINI, F. M. e OLIVEIRA JUNIOR, M. de M.; MACHADO, M. A.; ROCHA, A. M. C. da; e AMAL, M. Os atores de destaque em número de laços são DUARTE, R. G. (rede 1) e BORINI, F. M. (rede 3), o primeiro, associou-se a 11 autores diferentes, perfazendo 11 laços em 4 estudos (Tabela 6); e o segundo, 6 diferentes autores, em 11 laços e 6 estudos.

Em segunda colocação, com 10 laços, apresentam-se os autores MACHADO, M. A. (rede 2) e OLIVEIRA, B. R. B. de; e KOVACS, E. P. (presentes na rede 8). O primeiro publicou com 9 diferentes autores, formou 10 laços, em 5 artigos. E, os dois últimos publicaram o maior número de artigos no período, 7, associaram-se a 2 diferentes autores.

Além dos autores apresentados na Figura 4 e na Tabela 6, 12 autores publicaram isoladamente, 16 fizeram 5 laços; 14 autores apresentaram 4 laços, 37 autores formaram 3

laços, 54 associaram-se 2 vezes e 61 fizeram 1 laço. No geral, houve ampliação na densidade das redes e no número de pesquisadores em comparação com anos anteriores (Figura 2 e Figura 3). As relações de cooperação ainda são fragmentadas, concentrando-se em pequenos grupos de pesquisadores, indicando uma vasta possibilidade de associação nestes estudos.

A Tabela 7 apresenta as estatísticas aplicadas aos indicadores das redes entre autores nos períodos de 1997 a 2000; 2001 a 2005; 2006 a 2010 e no geral de 1997 a 2010.

Tabela 7 – Indicadores da rede de cooperação entre autores por período

Dados observados	1997-2000	2001-2005	2006-2010	1997-2010
Índice de centralização da rede	12,64%	1,85%	0,59%	0,72%
Grau de centralidade da rede	22	286	536	844
Grau de centralidade normalizado	157,14	64,85	36,99	36,54
Heterogeneidade da rede	10,74%	1,07%	0,80%	0,59%
Normalidade da rede	4,37%	0,40%	0,32%	0,29%
Número médio de laços da rede (<i>k</i>)	1,467	1,932	2,577	2,550
Distância média da rede	1	2,04	1,59	1,97
Coefficiente de agrupamento da rede observado	1	0,88	1,12	1,09
Densidade da rede	10,47%	1,31%	1,24%	0,77%
Dados aleatórios				
Coefficiente de agrupamento rede esperado (<i>k/n</i>)	0,098	0,013	0,012	0,008
PL: Distância Média Esperada ($\ln(n)/\ln(k)$)	7,067	7,588	5,638	6,198
Indicadores				
PL taxa (PL real / PL aleatório)	0,142	0,269	0,283	0,319
CC taxa (CC real / CC aleatório)	10,225	67,718	90,723	142,395
Q: Coeficiente Small World (CC taxa/ PL taxa)	72,255	251,521	320,312	446,432

Fonte: Adaptado de Rossoni e Guarido-Filho (2009).

Observa-se, na Tabela 7, que o grau de centralidade das redes teve um leve aumento à medida que os períodos tornam-se mais recentes: de 1997-2000, o grau de centralidade foi de 22; de 2001-2005, passou para 286; de 2006-2010, foi de 536 e; no período geral, de 844. Por outro lado, a heterogeneidade das redes teve leve redução: no período de 1997-2000, foi de 10,74%; de 2001-2005, passou para 1,07%; de 2006-2010, foi de 0,80%; e, no período geral, de 0,59%. O aumento no grau de centralidade e a diminuição da heterogeneidade das redes podem ser oriundos do ingresso de novos pesquisadores nas áreas estudadas nos períodos sequentes (2001-2005; 2006-2010), pois, à medida que novos pesquisadores relacionam-se com os já estabelecidos no campo, este tende a solidificar-se bem como a tornar-se mais homogêneo a partir da inserção de novas relações às já existentes.

O coeficiente de agrupamento das redes apresentou variação entre 0,884 e 1,124, o que indica a existência de grupos coesos e característicos de redes do tipo *small worlds*.

A Tabela 8 apresenta as obras mais citadas.

Tabela 8 – Obras mais citadas em artigos sobre gestão internacional e internacionalização de empresas

Obras citadas sobre o tema central	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total geral
Johanson e Vahlne (1977)	-	-	-	-	3	1	1	2	5	1	8	6	6	6	39
Johanson e Wiedersheim-Paul (1975)	-	-	-	-	1	2	-	3	-	1	2	-	6	1	16
Johanson e Vahlne (1990)	-	-	-	-	1	1	-	1	-	1	3	2	2	1	12
Johanson e Mattsson (1988)	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	8	-	11
Dunning (1988)	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	4	3	9
Knight (2004)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	5	-	9
Sullivan (1994)	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	1	6
Leonidou e Katsikeas (1996)	-	-	-	-	-	1	-	-	-	3	2	-	-	-	6

continua...

... continuação

Seringhaus (1986)	-	-	-	-	-	2	2	-	1	-	-	-	-	1	6
Vernon (1966)	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	2	-	5
Seppo (2007)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	5

A obra mais citada nos estudos sobre gestão internacional e internacionalização de empresas foi Johanson e Vahlne (1977), intitulada “The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing foreign market commitments”, citada 39 vezes. A segunda obra mais citada foi “The internationalization of the firm: four swedish cases” de Johanson e Wiedersheim-Paul (1975) citada 16 vezes. A terceira obra mais citada foi “The mechanism of internationalisation” de Johanson e Vahlne (1990) com 12 registros. Em quarto lugar a obra “Internationalisation in industrial system: a network approach” de Johanson e Mattsson (1988). Somando-se as obras que envolvem o autor Johanson obtém-se um total de 78 citações, esse resultado indica que os estudos desse autor são os mais utilizados no que tange à gestão internacional e internacionalização de empresas nos estudos brasileiros analisados. O resultado da Tabela 8 indica a predominância da abordagem de Uppsala na literatura brasileira sobre o fenômeno de internacionalização de empresas, tendendo a investigações sobre o modo pelos quais as empresas brasileiras iniciam a sua inserção internacional. Este resultado também sugere uma preocupação dos autores brasileiros em analisar o processo de internacionalização das empresas, no que tange à escolha dos mercados, assim como de fatores que explicam a transição de um estágio inferior a um superior de internacionalização. As citações dos trabalhos de Johanson e Mattson (1988) evidenciam o interesse pelo ambiente das redes de relacionamentos, bem como seu impacto sobre a internacionalização das empresas.

Já os estudos de Knight e Andersen apontam para um interesse limitado de estudos sobre o fenômeno de internacionalização acelerada e empreendedorismo internacional.

E, finalmente, por meio dos trabalhos de Dunning, percebe-se o interesse dos pesquisadores nas abordagens que tratam de Empresas Multinacionais. Contudo, o número de citações relativamente baixo revela que a literatura brasileira de “Negócios Internacionais” ainda encontra-se mais focada ao início do processo de internacionalização, e, menos, na análise da dinâmica da inserção internacional das empresas. Além destas obras da Tabela 8, identificaram-se por meio da revisão de literatura outras 430 obras citadas entre 04 e uma vez.

Com o objetivo de maior entendimento da contribuição dos estudos brasileiros sobre Negócios Internacionais (NI), buscou-se identificar e classificar os principais temas investigados no período, de acordo com a seguinte lógica: primeiro, classificar os temas de acordo com a abordagem teórica (Tabela 9). E, na sequência, classificar estes de acordo com as perspectivas de dois autores centrais: (a) Buckley (2002) sobre os tópicos de estudos de NI, o qual classifica os trabalhos em estudos que investigam: (1) os fluxos de IDE; (2) a existência e estratégia de empresas multinacionais; e, (3) o desenvolvimento da internacionalização das empresas e a nova configuração da globalização; (b) Peng (2004) sugere que o campo de Negócios Internacionais é uma área que deverá ser relacionada a “Negócios”, não apenas a questões “Internacionais”. Neste sentido, a pergunta orientadora dos estudos nesta área deverá ser “Quais os determinantes do sucesso internacional e das falhas das empresas?” (PENG, 2004, p.103). A relevância da pergunta, como paradigma geral de reflexão, tem a ver com o próprio campo de estudos sobre estratégia. De acordo com Barlett e Ghoshal (1991), a justaposição dos campos de Negócios Internacionais e de Estratégia deverá contribuir não apenas para fundamentar o campo do primeiro, mas, sobretudo, irá contribuir para fornecer subsídios para a área de Estratégia responder às suas perguntas fundamentais. Deste modo, alguns temas devem representar um campo estratégico nos estudos sobre Negócios Internacionais, tais como: Estratégias Globais, Competências das subsidiárias, Alianças estratégicas, Economias emergentes (PENG, 2004, p.103).

Para os propósitos do presente estudo, organizou-se os temas sobre Negócios Internacionais no Brasil de acordo com os tópicos destacados na Tabela 10, num cruzamento das propostas de Buckley (2003) e Peng (2004).

Tabela 9 – Distribuição dos estudos por abordagem teórica

Abordagens teóricas	1997-2000	2001-2005	2006-2010	Total
Abordagem econômica	5	34	46	85
Abordagem comportamental	3	56	80	139
Visão baseada em recursos	-	3	14	17
Abordagens institucionais	-	1	9	10
Marketing internacional	-	7	5	12
Total	8	101	154	-

Por meio do apresentado na Tabela 9, observa-se que a abordagem teórica mais recorrente é a comportamental, seguida da econômica.

Tabela 10 – Número de artigos por tema

Temas	1997-2000	2001-2005	2006-2010	Total
Estágios e grau de internacionalização	-	4	12	16
Redes de relacionamento	-	4	14	18
Internacionalização de Pequenas e Médias Empresas	-	5	13	18
Empreendedorismo internacional, Inovação e Born Globals	-	1	9	10
Cultura, distância psíquica e Internacionalização	-	20	15	35
IDE, EMN no Brasil	2	30	28	60
Internacionalização, Empresas Multinacionais e países em desenvolvimento	2	16	22	40
Cadeias globais de valor e logística internacional	-	3	4	7
Desempenho exportador e desempenho internacional	-	3	11	14
Ensaio Teóricos	2	4	13	19
Cluster e internacionalização	-	4	6	10
Outros Temas	2	14	6	22
Total	8	108	153	-

Na Tabela 10, nota-se a predominância de estudos sobre IDE, EMN no Brasil e, na sequência, Internacionalização, Empresas Multinacionais e países em desenvolvimento.

Por meio da análise conjunta das Tabelas 9 e 10, verifica-se que a comparação entre os três períodos aponta para diferenças significativas em termos das temáticas discutidas nos trabalhos apresentados. O primeiro período entre 1997 e 2000, a quantidade de trabalhos foi reduzida. A área de Negócios Internacionais era ainda incipiente. Foram apresentados apenas 8 trabalhos neste período, distribuídos em estudos sobre Empresas Multinacionais no Brasil, e a apresentação de alguns casos de internacionalização de empresas brasileiras.

Já o período de 2001 a 2005 representa uma expansão de estudos sobre Negócios Internacionais. Esta expansão consiste em um reflexo da própria dinâmica da economia brasileira. A abertura econômica e a expansão da inserção internacional da economia e empresas brasileiras. Como resultado deste fenômeno, houve um crescimento significativo dos fluxos de comércio internacional entre o Brasil e o resto do mundo, ampliando, deste modo, o número de empresas exportadoras no país. Por outro lado, a abertura econômica estimulou novos projetos de investimentos de Empresas Multinacionais no Brasil, tornando o país um dos principais destinos de Investimento Estrangeiro Direto entre os países em desenvolvimento. Os resultados da dinâmica econômica se refletem diretamente no desenvolvimento dos estudos sobre Negócios Internacionais. Durante este período, 28% dos trabalhos investigaram as estratégias das Empresas Multinacionais no Brasil, 18,5% foram estudos sobre cultura e 15% dos trabalhos apresentaram pesquisas sobre a internacionalização de empresas brasileiras e suas estratégias, utilizando-se de diversos enfoques econômicos,

comportamentais ou de marketing internacional. Os resultados da pesquisa apontam para uma relativa diversidade dos trabalhos, cerca de 13% dos estudos foram classificados na categoria de Outros Temas, com enfoques para estudos setoriais, políticas públicas e barreiras à internacionalização das empresas.

O período de 2006 a 2010 registrou um desempenho acima da média em termos de produção quantitativa, abrangendo a grande maioria dos temas de Negócios Internacionais. Contudo, este período apresentou algumas características específicas que o distingue dos períodos anteriores. Houve um crescimento de 42% em relação ao período anterior. Este crescimento atingiu praticamente todos os 11 temas definidos no levantamento dos trabalhos da área de negócios internacionais. Contudo, vale ressaltar os seguintes pontos. Primeiro, houve uma ampliação dos estudos sobre Empresas Multinacionais, tanto de origem dos países desenvolvidos, como dos países em desenvolvimento. Somados, os dois temas representam 33% de todos os trabalhos apresentados nesta área. Segundo ponto importante, a orientação de uma parte significativa dos trabalhos para avaliar e medir o desempenho exportador e internacional das empresas brasileiras. O terceiro ponto a destacar é o espaço que foi dedicado para estudos que tratam da diversidade dos modelos de internacionalização das empresas, tais como o fenômeno de *born-globals*, o efeitos das redes de relacionamento e a experiência dos países emergentes com a internacionalização e competição internacional das organizações. Este desempenho se reflete também sobre a quantidade de ensaios teóricos, que registrou um crescimento significativo neste período, demonstrando que os autores buscaram refletir e discutir as implicações teóricas dos estudos empíricos. E, finalmente, a diferença do período de 2006-2010 em relação aos períodos anteriores reside na maior diversidade das abordagens utilizadas para os seus estudos empíricos. Cresceu significativamente o interesse pela análise crítica da teoria comportamental, da RBV, mas, também, de estudos utilizando-se de enfoques institucionalistas. Este fenômeno aponta para uma perspectiva mais crítica das teorias e das experiências de negócios internacionais no Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar a evolução da estrutura de relacionamentos entre atores (instituições e autores), obras mais citadas e temas empregados em estudos sobre gestão internacional e internacionalização de empresas no contexto brasileiro.

No que tange às instituições, observou-se que existe abertura para parcerias entre brasileiras e estrangeiras, havendo uma diversidade no perfil, visto que, enquanto algumas tendem a se associar em publicações, outras publicam quantidades consideráveis de estudos internamente. Acredita-se que as associações entre diferentes instituições seja um importante mecanismo para a troca de informações e de conhecimento entre diferentes grupos de pesquisadores, o que pode contribuir para a construção do conhecimento na área.

Em relação aos autores, verificou-se que, no primeiro período analisado, as redes de cooperação caracterizavam-se por um número reduzido de atores. No segundo período, com a criação do tema de gestão internacional no EnANPAD, houve aumento no número de publicações, bem como, no número de redes de cooperação envolvidas. A exemplo do período de 2001-2005, no último analisado (2006-2010), ampliou-se o número de redes envolvidas as quais se tornaram mais densas. Também houve um aumento no número de autores envolvidos e na quantidade de artigos publicados por ano nestes temas. Isso indica que houve uma evolução no número de artigos publicados na área de gestão internacional e internacionalização de empresas e na densidade das redes, sugerindo uma solidificação dos temas nesta área. Contudo, relações de cooperação entre os autores dos estudos revisados ainda são fragmentadas, concentrando-se em pequenos grupos de pesquisadores, o que indica uma vasta possibilidade de futuras associações.

As obras mais citadas sobre gestão internacional e internacionalização de empresas nos estudos brasileiros analisados são de Jan Johanson, o que demonstra o interesse pelo

ambiente das redes de relacionamentos, bem como seu impacto sobre a internacionalização das empresas.

As redes de cooperação, nos períodos analisados, caracterizam-se pela evolução no que tange ao ingresso de novos pesquisadores na área, maior número de artigos submetidos e criação de temas relacionados à gestão internacional, tornando a configuração mais homogênea em períodos mais recentes, contudo, mantendo as características de *small words* em todos os períodos analisados. Assim estas se apresentam bem definidas, não isoladas de outros grupos, mas interligadas por meio de poucos intermediários.

No tocante às abordagens teóricas e aos temas estudados, também se verificaram alterações ao longo dos períodos que estão, em grande parte, relacionadas ao contexto econômico e de internacionalização vivido pelo país. Isto demonstra que os estudos da área estão preocupados em compreender e contribuir para a gestão estratégica internacional.

Conclui-se que ocorreu uma evolução na produção científica que trata de gestão internacional e internacionalização de empresas, no período de 1997-2010, no que tange ao número de artigos publicados e à densidade das redes de cooperação. Contudo, existe ainda uma vasta possibilidade de associação nestes estudos. Também se notou uma ampliação nas abordagens teóricas empregadas e nos temas analisados.

Para futuras pesquisas, sugere-se ampliar a amostra, incluindo periódicos e outros eventos, para verificar se estes resultados se expandem em outros meios de divulgação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALDRICH, H. **Organizations and environments**. Prentice-Hall: New York, 1979.
- AUGUSTO, P. O. M.; LEAL, A. S. S. Redes estratégicas: uma vantagem competitiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza, CE. **Anais...** Fortaleza: Abepro, 2006.
- BUCKLEY, P. J. Is the International business research agenda running out of steam? **Journal of International Business Studies**, v. 33, n. 2, p.365-373, 2002.
- BUCKLEY, P. J.; CASSON, M. A. **The future of the multinational enterprise**. London: Macmillan, 1976.
- BURT, R. S. **Structural holes: the social structure of competition**. Cambridge, MA: Havard University Press, 1992.
- DUARTE, R. G.; CASTRO, J. M. de; PEREIRA, A. C. C.; CRUZ, A. L. A. O papel dos relacionamentos interpessoais no processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo, SP. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2009.
- DUNNING, J. H. The eclectic paradigm of international production: a restatement and possible extensions. **Journal of International Business Studies**, v. 19, p.1-31, 1988.
- GALASKIEWICZ, J.; WASSERMAN, S. **Advances in social network analysis: research in the social and behavioral sciences**. London: Sage, 1994.
- GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, 1973, p. 1360-1380.
- HYMER, S. H. **The International operations of national firms: a study of direct foreign investment**. Cambridge Mass: The MIT Press, 1976.

- JOHANSON, J.; MATTSSON, L.G. Internationalisation in industrial systems – a network approach. In: HOOD, M.; VAHLNE, J-E. (Eds). **Strategies in global competition**. London: Croom Helm, 1988.
- JOHANSON, J.; VAHLNE, J.E. The internationalization process of the firm – a model of knowledge development and increasing market commitments. **Journal of International Business Studies**, v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.
- JOHANSON, J.; VAHLNE, J.E. The mechanism of internationalisation. **International Marketing Review**, v. 7, n. 4, p.11-24, 1990.
- JOHANSON, J.; WIEDESHEIM-PAUL, F. The Internalization of the firm : four swedish cases, **Journal of Management Studies**, v. 12, p. 305-322, 1975.
- KNIGHT, G. A; CAVUSGIL, T. S. Innovation, organizational capabilities, and the born-global firm. **Journal of International Business Studies**. v. 35, p. 124-141, 2004.
- LIU, X.; BOLLEN, J.; NELSON, M. L.; VAN DE SOMPEL, H. Coauthorship networks in the digital library research community. **Information Processing & Management**, v. 41, p. 1462-1480, 2005.
- MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.
- MATHEWS, J. A.; ZANDER, I. The international entrepreneurial dynamics of accelerated internationalization. **Journal of International Business Studies**. v. 38, p. 387-403, 2007.
- OVIATT, B. M.; McDOUGALL, P.P. Toward a theory of international new ventures. **Journal of International Business Studies**, v. 25, n. 1, p. 45-64, 1994.
- PENG, M. W. Identifying the big question in international business research. **Journal of International Business Studies**, v. 35, p. 99-108, 2004.
- ROSSONI, L.; GUARIDO FILHO, E. R. Cooperação interinstitucional no campo da pesquisa em estratégia. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 4, p. 72-86, out./dez. 2007.
- ROSSONI, L.; MACHADO-DA-SILVA, C. L. A construção social do conhecimento em campos científicos: análise institucional e a configuração de mundos pequenos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2007, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007
- SILVA, B. M. dos S. da; ENSSLIN, S. R. O perfil dos artigos publicados nos congressos de iniciação científica em contabilidade da UFSC e da USP: um estudo bibliométrico. In: CONGRESSO UFSC DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 2., 2008. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008.
- TICHY, N.; TUSHMAN, M.; FOMBRUM, C. Social network analysis for organizations. **Academy of Management Review**, v. 4, n. 4, p. 507-519, 1979.
- WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge University Press, 1994.
- WELCH, L.S.; LUOSTARINEN, R. Internationalization: Evolution of a concept. **Journal of General Management**, v. 14, n. 2, p.36-64, 1988.
- WILLIAMSON, O. **Markets and hierarquies: analysis and antitrust implications**. Free Press: New York, 1975.